

Versão brasileira do *Social Interaction Self-Statement Test* (SISST): tradução e adaptação transcultural

Brazilian version of the Social Interaction Self-Statement Test (SISST): translation and cross-cultural adaptation

ADRIANA CARDOSO DE OLIVEIRA E SILVA¹, ANTONIO EGIDIO NARDI²

¹ Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP/UFRJ).

² Livre-docente do Instituto de Psiquiatria da UFRJ.

Recebido: 23/7/2009 – Aceito: 14/10/2009

Resumo

Contexto: O *Social Interaction Self-Statement Test* (SISST) apresenta como proposta avaliar respostas cognitivas em adultos que referem dificuldades heterosociais. Sua adaptação transcultural apresenta-se como primeiro passo para futuras comparações relativas ao construto medido pelo instrumento em diferentes amostras. **Objetivo:** Adaptação semântica do SISST para o português brasileiro. **Métodos:** Processo realizado por meio de duas traduções e retrotraduções, elaboradas por avaliadores independentes e sem conhecimentos prévios da escala a ser traduzida. Elaboração de versão sintética realizada conjuntamente por dois diferentes especialistas, bilíngues, em saúde mental. **Resultados:** São apresentadas as quatro etapas do processo. A utilização de duas traduções e retrotraduções permitiu uma discussão mais ampla para construção da versão sintética. A participação de especialistas em saúde mental colaborou para a adequação dos termos utilizados em relação ao construto medido. A aplicação experimental ofereceu maior segurança ao processo de equivalência semântica. **Conclusão:** Por meio da metodologia utilizada, foi possível elaborar uma versão do SISST para o português brasileiro.

Silva ACO, Nardi AE / *Rev Psiq Clín.* 2010;37(5):199-205

Palavras-chave: Psicometria, escalas, testes psicológicos, transtornos fóbicos, ansiedade.

Abstract

Background: The Social Interaction Self-Statement Test (SISST) proposes to evaluate cognitive responses in adults who reported heterosocial difficulties. Its cross-cultural adaptation is the first stage for future comparisons on the construct measured by the instrument in different populations. **Objective:** Semantic adaptation of the SISST for Brazilian Portuguese. **Methods:** Process consisted of two translations and back-translations, performed by independent evaluators without any prior knowledge of the scale to be translated. Development of synthetic version was conducted jointly by two different expertises in mental health. **Results:** The four stages of the process were presented. The use of two translations and back-translations allowed a broader discussion for synthetic version. The participation of specialists in mental health collaborated to the appropriateness of the terms used for the construct measured. The experimental application offered greater security to the process of semantic equivalence. **Discussion:** Through the use of this methodology was possible to elaborate the version of SISST for Brazilian Portuguese.

Silva ACO, Nardi AE / *Rev Psiq Clín.* 2010;37(5):199-205

Keywords: Psychometrics, scales, psychological tests, phobic disorders, anxiety.

Introdução

A fobia social, ou transtorno de ansiedade social, representada na Classificação Internacional de Doenças¹ (CID-10), caracteriza-se pelo medo de se expor à observação de outros, de ser humilhado ou julgado negativamente, o que leva à esquiva fóbica de situações sociais.

Além do retraimento social, que prejudica a qualidade de vida do sujeito, estão presentes sintomas físicos, tais como rubor facial, náuseas, tremores nas mãos, tartamudez, que podem até constituir ataques de pânico secundários.

Esse transtorno ainda permanece subdiagnosticado apesar da reconhecida importância do diagnóstico precoce e do tratamento adequado. Esses fatores podem ajudar na prevenção do agravamento do quadro clínico e do surgimento de comorbidades. Nesse sentido, as escalas psicométricas prestam valiosa contribuição ao campo da psiquiatria clínica e da pesquisa em saúde mental. No primeiro caso, colaboram fornecendo mais dados para o estabelecimento de um diagnóstico correto e preciso, considerando que ainda não estão estabelecidos marcadores biológicos que funcionem como indicativo seguro para essa finalidade².

No campo da pesquisa, por possibilitarem avaliação rápida, válida, precisa e de baixo custo, apresentam-se como instrumentos que podem ser utilizados tanto com a população clínica quanto para estabelecimento de padrões epidemiológicos de incidência e prevalência dos transtornos mentais na população geral.

Observa-se nos últimos anos o aumento da produção referente a instrumentos de medidas específicos para os quadros de ansiedade³⁻¹⁶; além disso, o uso de testes e escalas já adotados internacionalmente apresenta a vantagem de permitir a comparação entre dados oriundos de diferentes populações, representativas de diversas culturas¹⁷.

O *Social Interaction Self-Statement Test* (SISST) foi desenvolvido para avaliar pensamentos ligados especificamente à interação social heterossexual¹⁸. Trata-se de uma escala tipo *likert*, autoaplicável, de cinco pontos, composta por 30 itens, sendo 15 deles positivos e 15 negativos. Pode ser utilizada em relação a uma situação específica ou servir como medida geral das últimas interações sociais com o sexo oposto realizadas pelo sujeito.

Considerando não haver ainda instrumentos para avaliação desse construto em nossa realidade, o presente trabalho tem como objetivo a tradução e a adaptação semântica do SISST para o português

brasileiro, abrindo também a possibilidade de futuros estudos de validação e aferição de fidedignidade dele, além do estabelecimento de normas, para a população brasileira.

Metodologia

O processo de tradução e adaptação semântica do SISST adotou modelo de quatro etapas, baseadas na proposta de Herdman *et al.*¹⁹, sendo elas: tradução, retrotradução, análise de equivalência semântica e aplicação experimental. Os participantes desse processo foram orientados a privilegiar a equivalência semântica em detrimento da tradução literal⁸.

Primeiramente, foi entregue uma versão original da escala a dois tradutores independentes (T1 e T2), fluentes na língua do instrumento original e de naturalidade brasileira, ambos com conhecimentos de psiquiatria e saúde mental e sem qualquer contato prévio com a escala apresentada, para que fosse realizada a tradução do instrumento. Não houve contato entre os tradutores.

Os itens traduzidos foram, então, encaminhados a dois outros tradutores, também sem conhecimentos sobre o SISST e sem qualquer contato com T1 e T2, assim como sem contato entre eles, para a elaboração das retrotraduções (R1 e R2).

As quatro formulações geradas nesse processo (T1, T2, R1 e R2) foram analisadas conjuntamente por dois outros profissionais, conhecedores do instrumento original e especialistas na área de psiquiatria e saúde mental. O material gerado pela retrotradução foi comparado com a formulação do item original para verificação da equivalência entre as versões produzidas.

A comparação entre as duas propostas de traduções e a versão original do item foi realizada para formar a versão sintética, em português brasileiro, representativa dessa escala. Essa versão sintética, em alguns casos, foi definida integralmente por uma das traduções fornecidas e, em outros, foi formada pela combinação das propostas apresentadas pelos dois tradutores. Os especialistas atuaram realizando alterações, quando necessário, para uma melhor adequação das formulações considerando o vocabulário técnico específico utilizado na área.

A tradução das instruções foi realizada por dois tradutores, especialistas em saúde mental, e debatidas com um terceiro especialista, também bilíngue, para formação da versão final em português.

Com a conclusão da versão sintética da escala, iniciou-se a aplicação experimental do instrumento à população-alvo para verificar sua adequação. Buscou-se ao longo dessa etapa a identificação de potenciais pontos de dificuldade para o correto entendimento dos itens pelos participantes, considerando que essas dificuldades não poderiam se tornar um fator de influência na determinação das respostas emitidas, o que poderia comprometer a avaliação do atributo que se deseja mensurar²⁰.

Uma vez que existem poucos estudos sobre instrumentos psicométricos, ligados ao tema ansiedade social, que envolvam amostras não clínicas, o que tem levado a críticas e a um questionamento quanto a uma posterior efetividade para trabalhos com população geral²¹, este estudo optou por adotar como critério de exclusão para os sujeitos participantes da fase de aplicação experimental a existência de qualquer transtorno mental.

A presença de transtornos psiquiátricos foi avaliada em entrevista de triagem prévia à aplicação experimental, com a utilização do *Mini International Neuropsychiatric Interview*²² (MINI) versão 5.0.0. Nessa etapa, foram excluídos três voluntários.

A primeira etapa da aplicação experimental é a execução, pelos voluntários, da tarefa de responder à escala em sua forma autoaplicável, o que é seguido pela verificação do material produzido, realizada pelo pesquisador, avaliando omissões de respostas e registrando os itens que apresentavam esse problema, para posterior avaliação de suas possíveis causas.

Em seguida, o pesquisador questiona os participantes quanto ao sentido dos itens, buscando verificar o real entendimento deles. Os sujeitos são, então, convidados a fornecer sugestões que, segundo eles, possam facilitar o entendimento da escala ou torná-la melhor.

A partir dos dados colhidos na aplicação experimental, foram realizadas alterações na versão sintética, visando solucionar os problemas que tenham sido apontados ao longo do processo, gerados por dificuldades de entendimento das frases ou mesmo por causa de confusões na compreensão do sentido dos itens.

Com essas modificações finais, foi estruturada a versão final da SISST em português brasileiro. Para garantir a adequação do instrumento, realizou-se nova aplicação, já com a essa forma final, a um grupo de 5 respondentes, buscando verificar se ainda restava qualquer dificuldade ou confusão. Nessa aplicação não foram encontrados problemas.

Resultados

Construção da versão sintética

A tabela 1 apresenta os itens conforme formulados no instrumento original, a tradução da língua-fonte (inglês) para a língua-alvo (português brasileiro) realizada por dois profissionais independentes (T1 e T2), a retrotradução das formulações propostas (R1 e R2) e a versão sintética, elaborada conjuntamente por dois especialistas em saúde mental.

Para construção da versão sintética, alguns itens foram estruturados por meio da combinação das duas traduções fornecidas, enquanto em outros casos foi privilegiada a sugestão de um deles (T1 ou T2).

Houve também situações em que foi realizada ligeira alteração pelos especialistas em saúde mental, além do sugerido pelos tradutores, de forma a manter a pertinência do item adaptado ao construto avaliado pela escala.

Os itens 6, 14, 17, 19 e 22 tiveram traduções praticamente idênticas realizadas por T1 e T2, e as retrotraduções se mostraram bem ajustadas às formulações do original, além de semelhantes entre si. Nessas situações, não se mostrou necessário alterar o proposto pelos tradutores.

Traduções muito semelhantes (T1 e T2) foram obtidas para os itens 3, 4, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16 e 30; nesses casos, formou-se uma versão combinada de ambos. Nos itens 5, 7, 9, 11, 13, 16, 18, 20, 21, 24, 25 e 29, observou-se que, apesar de bastante semelhantes, uma das versões (T1 ou T2) mostrou-se mais adequada, considerando-se a adequação semântica, sendo, assim, essa a escolhida como representativa do item.

No item 1, a expressão “*I can feel myself getting very anxious*” foi traduzida por T1 para “me sinto muito ansioso” e por T2 como “posso sentir-me ficando muito ansioso”. Apesar de a versão de T2 estar correta literalmente, observa-se pouco essa construção nos diálogos cotidianos, desse modo, optou-se pela combinação “me sinto ficando muito ansioso”.

Para a expressão “*I’m really afraid*” do item 5, foi proposto tanto “eu tenho muito medo” (T1), quanto “estou realmente com medo” (T2). Como ambas podem ser utilizadas sem estranheza na língua-alvo, decidiu-se manter a versão mais próxima da tradução literal, sendo, então, selecionada a opção desenvolvida por T2.

Os itens 8, 16 e 26 apresentaram discordância entre os tradutores quanto ao tempo verbal utilizado. Nessas circunstâncias, foi verificada a adequação das retrotraduções fornecidas para as versões de ambos e posteriormente avaliadas quanto à pertinência de uma possível alteração no tempo verbal formulado originalmente.

Em todas essas situações, entendeu-se que a alteração do tempo verbal originalmente proposto não se justificaria, uma vez que não ofereceria melhora na compreensão do item na língua-alvo e, ainda, poderia comprometer a validade do instrumento.

Os itens que geraram maior dificuldade no processo de adaptação foram os que continham expressões idiomáticas, sendo eles os números 4, 7, 9, 12, 23, 28 e 30. Nesses casos, conforme esclarecido anteriormente, buscou-se uma expressão equivalente na língua-alvo, preservando a adequação semântica, e não o sentido literal.

No item 4, assim como no item 9, aparece a expressão “*at easy*”, que foi representada pelos tradutores por “relaxado”, “à vontade” e “tranquilo”.

Tabela 1. SISST – Versão original, traduções (T1 e T2), retrotraduções (R1 e R2) e versão sintética

	Original	Tradução	Retrotradução	Versão sintética
1.	When I can't think of anything to say I can feel myself getting very anxious	T1: Quando eu não consigo pensar em nada para falar, eu me sinto muito ansioso T2: Quando não consigo pensar em nada para dizer, posso sentir-me ficando muito ansioso	R1: When I can not think in anything to talk I feel very anxious R2: When I can not thinking in anything to say, I can feel me becoming very anxious	Quando não consigo pensar em nada para falar, me sinto ficando muito ansioso
2.	I can usually talk to women very well	T1: Eu frequentemente consigo falar bem com homem (mulher) bonito(a) T2: Posso, habitualmente, conversar com mulheres muito bem	R1: I can often talk well with man (woman) handsome (beautiful) R2: I can usually talk to women very well	Habitualmente, posso conversar com mulheres muito bem
3.	I hope I don't make a fool of myself	T1: Eu espero não fazer papel de bobó T2: Espero não fazer papel de bobó	R1: I do not expect to act like a fool R2: Hope I do not make a fool of myself	Espero não fazer papel de bobó
4.	I'm beginning to feel more at easy	T1: Eu começo a me sentir mais relaxado T2: Estou começando a me sentir mais tranquilo	R1: I start to feel more relaxed R2: I am starting to feel myself more relaxed	Estou começando a me sentir mais relaxado
5.	I'm really afraid of what she'll think of me	T1: Eu tenho muito medo do que ela (ele) vai pensar de mim T2: Estou realmente com medo do que ela pensará de mim	R1: I feel very afraid of what she (he) will think of me R2: I am really afraid of what she will think of me	Estou realmente com medo do que ela pensará de mim
6.	No worries, no fears, no anxieties	T1: Sem preocupações, sem medos, sem ansiedades T2: Sem preocupações, sem medos, sem ansiedades	R1: No worries, no fears, no anxieties R2: No worries, no fears, no anxieties	Sem preocupações, sem medos, sem ansiedades
7.	I'm scared to death	T1: Eu tenho muito medo T2: Estou "morto de medo"	R1: I am really afraid R2: I'm too scared	Estou "morto de medo"
8.	She probably won't be interested in me	T1: Ela (ele) provavelmente não está interessada(o) por mim T2: Ela provavelmente não estará interessada em mim	R1: She (he) probably is not interested on me R2: She probably won't be interested in me	Ela provavelmente não estará interessada em mim
9.	Maybe I can put her at easy by starting things going	T1: Talvez eu consiga deixá-la mais à vontade conforme as coisas forem evoluindo T2: Talvez eu consiga deixá-la mais relaxada iniciando as coisas	R1: Maybe I can make her more comfortable as things are progressing R2: Perhaps I can make her relaxed if I beginning things up	Talvez eu consiga deixá-la mais à vontade iniciando as coisas
10.	Instead of worrying I can figure out how best to get to know her	T1: Ao invés de me preocupar, eu posso pensar em o quão melhor posso conhecê-la(o) T2: Em lugar de me preocupar, eu posso descobrir uma melhor maneira de chegar a conhecê-la	R1: Rather than worry I can think about how I can better know her (him) R2: Instead of bother myself I can find out a better way to get to know her	Em lugar de me preocupar, eu posso descobrir uma melhor maneira de chegar a conhecê-la
11.	I'm not too comfortable meeting women, so things are bound to go wrong	T1: Eu não fico muito confortável conhecendo mulheres (homens), então as coisas estão fadadas ao fracasso T2: Eu não fico muito confortável encontrando mulheres, então as coisas obrigatoriamente dão errado	R1: I do not feel very comfortable knowing women (men), then things are fated to fail R2: I am not very comfortable meeting women, then things must go wrong	Eu não fico muito confortável conhecendo mulheres, então as coisas estão fadadas ao fracasso
12.	What the heck – the worst that can happen is that she won't go for me	T1: Que se dane – a pior coisa que pode acontecer é que ela (ele) não estará na minha T2: Que inferno – o pior que pode acontecer é ela não "entrar na minha"	R1: To the hell – the worst thing that can happen is that she isn't with me R2: What the hell – the worst that can happen is she don't "get in mine"	Que se dane – o pior que pode acontecer é ela não "entrar na minha"
13.	She may want to talk to me as much as I want to talk to her	T1: Ela deve querer falar comigo tanto quanto eu quero falar com ela T2: Ela pode querer falar comigo tanto quanto quero falar com ela	R1: She must want talk with me as much I want to talk with her R2: She may want to talk to me as much I want to talk to her	Ela pode querer falar comigo tanto quanto quero falar com ela
14.	This will be a good opportunity	T1: Esta será uma boa oportunidade T2: Esta será uma boa oportunidade	R1: This will be a good opportunity R2: This will be a good opportunity	Esta será uma boa oportunidade
15.	If I blow this conversation, I'll really lose my confidence	T1: Se eu estragar esta conversa, eu perderei minha confiança T2: Se eu detonar essa conversa, vou realmente perder minha confiança	R1: If I screw up this conversation, I lose my confidence R2: If I screw up this conversation, I will really lose my trust in myself	Se eu estragar esta conversa, vou realmente perder minha confiança
16.	What I say will probably sound stupid	T1: O que eu disse irá provavelmente parecer estúpido T2: O que eu digo irá provavelmente parecer estúpido	R1: What I said probably will look like stupid R2: What I say will probably looks like stupid	O que eu digo irá provavelmente parecer estúpido

Tabela 1. SISST – Versão original, traduções (T1 e T2), retrotraduções (R1 e R2) e versão sintética (continuação)

	Original	Tradução	Retrotradução	Versão sintética
17.	What do I have to lose? It's worth a try	T1: O que eu tenho a perder? Vale a pena tentar T2: O que tenho a perder? Vale a pena tentar	R1: What I will have to lose? "Worth a shot" R2: What do I have to lose? It's worth a try	O que eu tenho a perder? Vale a pena tentar
18.	This is an awkward situation, but I can handle it	T1: Esta é uma situação constrangedora, mas posso lidar com isso T2: Essa é uma situação embaraçosa, mas posso lidar com ela	R1: This is embarrassing, but I can handle it R2: This is an embarrassing situation, but I can handle it	Essa é uma situação embaraçosa, mas posso lidar com ela
19.	Wow, I don't want to do this	T1: Uau – eu não quero fazer isso T2: Uau – Eu não quero fazer isso	R1: Wow, I don't want to do it R2: Wow – I don't want to do this	Uau – Eu não quero fazer isso
20.	It would crush me if she didn't respond to me	T1: Me devastaria se ela (ele) não me respondesse T2: Seria esmagador para mim se ela não me respondesse	R1: I would be devastated if she (he) does not respond me R2: It would be crushing for me if she didn't respond me	Seria devastador para mim se ela não me respondesse
21.	I've just got to make a good impression on her or I'll feel terrible	T1: Eu tenho que ter causado uma boa impressão nela, ou eu me sentirei terrível T2: Eu simplesmente tenho que causar uma boa impressão a ela ou me sentirei terrível	R1: I have to have caused a good impression on it, or I'll feel terrible R2: I simple got to cause a good impression on her or I will feel terrible	Eu simplesmente tenho que causar uma boa impressão a ela ou me sentirei terrível
22.	You're such an inhibited idiot	T1: Você é um idiota inibido T2: Você é um idiota inibido	R1: You are an ashamed idiot R2: You are an idiot inhibited	Você é um idiota inibido
23.	I'll probably "bomb out" anyway	T1: Eu estragarei tudo de qualquer maneira T2: Eu provavelmente estragarei tudo de qualquer modo	R1: I will ruin everything anyway R2: I will probably ball things up anyway	Eu provavelmente estragarei tudo de qualquer modo
24.	I can handle anything	T1: Eu posso lidar com tudo T2: Posso lidar com qualquer coisa	R1: I can deal with everything R2: I can handle anything	Posso lidar com qualquer coisa
25.	Even if things don't go well, it's no catastrophe	T1: Se as coisas não saírem bem, não é uma catástrofe T2: Mesmo se as coisas não forem bem, isso não é uma catástrofe	R1: If things do not "come out" well, is not a disaster R2: Even if things don't go well, it's not a catastrophe	Mesmo se as coisas não forem bem, isso não é uma catástrofe
26.	I feel awkward and dumb, she's bound to notice	T1: Eu me sentirei esquisito e bobo; ela certamente perceberá T2: Sinto-me desajeitado e bobo, ela certamente notará	R1: I'll feel strange and fool; she certainly will notice R2: I feel myself clumsy and dumb, she will notice for sure	Sinto-me desajeitado e bobo, ela certamente notará
27.	We probably have a lot in common	T1: Nós temos provavelmente muito em comum T2: Nós provavelmente temos muito em comum	R1: We probably have lots of things in common R2: We probably have lot in common	Nós provavelmente temos muito em comum
28.	Maybe we'll hit it off real well	T1: Talvez nos daremos muito bem T2: Talvez nos demos muito bem	R1: Maybe we will very well R2: Maybe we will match really well	Talvez nos demos muito bem
29.	I wish I could leave and avoid the whole situation	T1: Eu gostaria de ir embora e evitar toda a situação T2: Eu gostaria de poder partir e evitar toda a situação	R1: I would like to leave here and avoid this situation R2: I would like I could go away and avoid the whole situation	Eu gostaria de poder partir e evitar toda a situação
30.	Ah! Throw caution to the window	T1: Ah! Jogue a preocupação pela janela T2: Ah! Jogue fora a cautela	R1: Hey! Take the worries through the window R2: Throw out the caution	Ah! Jogue a cautela fora

Procurando manter a pertinência do item de acordo com o conjunto do enunciado, foi dada preferência ao uso de “relaxado”, ficando a frase “*I'm beginning to feel more at easy*” representada por “Estou começando a me sentir mais relaxado”.

Já para “*Maybe I can put her at easy by starting things going*”, do item 9, adotou-se “Talvez eu consiga deixá-la mais à vontade” para sua primeira parte. Quanto à segunda parte da formulação, foi mantido “iniciando as coisas”, embora a sentença ainda pareça um pouco artificial no português brasileiro.

A expressão “*scared to death*” aparece no item 7. As opções apresentadas como tradução foram “muito medo” ou “morto de medo”. Como no Brasil a expressão idiomática “morto de medo” é bem conhecida e bastante utilizada, essa opção foi escolhida.

No item 12, encontrou-se “*What the heck*” iniciando a frase. T1 sugere como solução “Que se dane” e T2 fornece “Que inferno”. Foi adotada a primeira sugestão, considerando que ela está adequada ao conceito passado no original e evita preconceitos de ordem religiosa.

Para “*bomb out*”, que aparece no item 23, não houve problemas, uma vez que ambos os tradutores ofereceram o mesmo termo para substituição. Quanto a esse enunciado, o único detalhe de discordância foi a manutenção de “realmente” por um dos tradutores, enquanto o outro o suprimiu. Nesse caso, acreditando que não haveria comprometimento do sentido original, mantivemos a tradução o mais próxima possível do original, assim permanecendo o “provavelmente”.

A frase “*Maybe we’ll hit it off real well*” foi convertida para “talvez nos daremos muito bem” e “talvez nos demos muito bem”, pelos tradutores, no item 28. No português brasileiro, quando se refere a um ato hipotético, duvidoso ou simplesmente possível, embora incerto, utiliza-se o modo subjuntivo, então, nesse caso, o verbo “dar”, conjugado na primeira pessoa do plural do presente do subjuntivo, assume a forma “demos”. Desse modo, buscando a correção do uso do tempo verbal na língua-alvo, adotou-se a segunda opção.

O item 30 apresenta como enunciado: “*Ah! Throw the caution to the window*”. Os tradutores ofereceram como possibilidade “Ah! Jogue a preocupação pela janela” e “Ah! Jogue fora a cautela”. Realizando uma combinação das duas propostas, foi formulada como versão final “Ah! Jogue a cautela fora”, sendo preservado o sentido da frase original e tornando-a mais próxima da realidade da população à qual o instrumento se destina.

Aplicação experimental

Uma vez concluída a elaboração da versão sintética dos itens que formariam a primeira versão da SISST em português brasileiro, iniciou-se o processo de aplicação experimental do instrumento para investigação quanto à real adequação dos itens formulados à população-alvo.

Para isso, contou-se com a colaboração de participantes voluntários, representativos de diferentes níveis de escolaridade e de ambos os gêneros. Os voluntários foram avaliados com o MINI para descartar a presença de transtornos psiquiátricos. Esse último procedimento eliminou três dos 46 voluntários iniciais, participando efetivamente da análise 43 pessoas (Tabela 2).

Tabela 2. Aplicação experimental – Dados descritivos da população

Gênero	Nível de escolaridade			Total
	Fundamental	Médio	Superior	
Feminino	5	6	12	23
Masculino	6	4	10	20
Total	11	10	22	43

Após a execução completa do SISST, com aplicação padronizada conforme determinado no instrumento original, os sujeitos foram convidados a participar de uma discussão quanto aos aspectos linguísticos do material utilizado, com o que todos concordaram.

Nesse debate foram seguidas duas etapas. Primeiro, foi solicitado que o voluntário descrevesse com suas palavras como entendia o enunciado contido na versão que lhe foi fornecida do instrumento. Na segunda fase, foram solicitadas sugestões de termos alternativos que pudessem facilitar o entendimento dos itens.

As aplicações foram realizadas primeiramente com os participantes que possuíam escolaridade de nível fundamental, em seguida, com aqueles de nível médio e, finalmente, com os que possuíam nível superior (completo ou incompleto – neste último caso, tendo concluído ao menos 50% do curso de graduação).

No primeiro grupo, houve 12 omissões em quatro diferentes itens, realizadas por cinco participantes. Três omissões foram registradas no item 9, duas no item 11, três no item 22 e quatro no item 30.

Como justificativa para as omissões no item 9, foi encontrada dificuldade, por parte dos respondentes, de determinar o que seriam “as coisas”, na formulação “Talvez eu consiga deixá-la mais à vontade iniciando as coisas”.

O item 11 apresentou como obstáculo o desconhecimento de alguns participantes sobre o significado do vocábulo “fadadas”. Durante a discussão com o grupo, notou-se, ainda, que alguns voluntários que responderam ao item o fizeram apesar de também não conhecerem o termo.

A frase “Você é um idiota inibido” apresentou problemas quanto ao entendimento do termo “inibido”. Posteriormente, ao ser solici-

tado que relatassem qual o sentido da expressão, notou-se grande confusão em relação à palavra. Apenas 3 dos 11 integrantes desse grupo mostraram familiaridade com o vocábulo.

Problema semelhante foi encontrado no item 30, já que os voluntários que deixaram o item sem resposta o fizeram, segundo eles próprios, por não saberem o que significava “cautela”. Na discussão, novamente, ficou claro que outros também não haviam compreendido bem a formulação.

Na etapa de debate com o grupo, outros pontos foram evidenciados. No item 28, a construção “Talvez nos demos muito bem” gerou dúvidas quanto ao fato de referir-se a um tempo presente ou futuro em 5 dos 11 participantes dessa etapa.

Foram efetuadas sugestões em relação aos itens 10 e 29. No primeiro caso, foi proposta a substituição de “em lugar de” para “invés de”, o que, segundo os voluntários desse grupo, “deixaria a frase mais natural”. Na segunda situação, do item 29, foi sugerida a substituição de “partir” por “ir embora”, o que, segundo eles, forneceria melhor compreensão do item.

Em relação às palavras que geraram dúvidas e confusões de entendimento, o grupo não ofereceu alternativas para substituição.

No segundo grupo de aplicação experimental, composto por 10 participantes, foram observadas duas omissões no item 9, duas no item 28 e uma no item 30, realizadas por Três diferentes sujeitos.

Os problemas com esses três itens foram semelhantes aos já apontados pelo grupo anterior, ou seja, a dificuldade de entendimento quanto ao que seriam “as coisas” no item 9, confusões quanto à indicação da temporalidade no item 28 e o desconhecimento do uso do termo “cautela” no item 30.

A questão do item 9 mostrou-se compartilhada por mais quatro participantes, e no item 28 o problema apareceu presente também para os que responderam ao item – estes mencionaram tê-lo feito apesar da incerteza quanto ao tempo ao qual o item se referia. Esses dados, aliados ao que foi coletado com o grupo anterior, evidenciam a necessidade de revisão desses dois enunciados.

No item 30, além dos dois sujeitos que deixaram o item sem resposta, outro mostrou, também, desconhecimento do termo. Entre os demais, não foi identificado o problema, sendo o significado do vocábulo atribuído de forma correta e o sentido global da frase plenamente entendido. Um dos participantes sugeriu a substituição de “cautela” por “cuidados” e outro, ainda, o uso do termo “prudência”, ambos de conhecimento de todos no grupo.

O termo “fadadas” (item 11) foi apontado pelos sujeitos como uma possível fonte de problemas. Apenas um deles mencionou que “nunca havia visto a palavra antes”. Foi sugerida, como forma de melhoria, a substituição dele por “destinadas”.

Sugeriram também a substituição de “habitualmente”, presente no início do item 2, por “normalmente”. A proposta foi bem recebida por todos do grupo. Além dessas, não foram feitas outras sugestões.

O terceiro grupo de aplicação foi composto por um total de 22 voluntários. Esse grupo apresentou apenas três omissões, todas no item 9, e, quando questionados quanto à razão da omissão, o problema detectado foi semelhante ao que apareceu nos grupos anteriores: a dificuldade de definir o que seria “iniciando as coisas”.

Alguns participantes relataram que responderam a alguns itens por dedução para não deixá-los em branco, mas que eles não haviam ficado muito claros em seu entendimento. Seriam eles o item 9, já mencionado, e o item 28, por causa da questão do tempo verbal.

Não foram identificadas dificuldades de entendimento das formulações por esse grupo, que, inclusive, considerou a escala bastante informal em virtude das expressões coloquiais. Apesar disso, foi o grupo que mais debateu os enunciados e ofereceu algumas sugestões de melhoria.

Em relação ao item 2, concordaram com o grupo anterior em relação à substituição de “habitualmente” por “normalmente”, de forma a tornar o enunciado “mais próximo de nossa realidade”.

Para o item 9, as sugestões levantadas foram “iniciando o processo”, o que ainda foi julgado vago pelo grupo, ou “tomando a iniciativa”, o que pareceu mais apropriado para representar a ideia do sentido original proposto.

Para o item 10, sugeriram modificar “melhor maneira” para “melhor forma”, de modo a tornar o item mais próximo da realidade do discurso coloquial da população à qual a escala se destina.

Concordaram com a proposta da substituição de “fadadas” por “destinadas” no item 11. Quanto ao item 12, mostraram alguma preocupação em relação à expressão “entrar na minha”, porém declararam que todos entenderam seu significado na sentença e não tiveram sugestões para modificação. Não consideraram o termo “inibido” do item 22 um problema, mas sugeriram como alternativa os vocábulos “acanhado”, “envergonhado” e “tímido”.

Sugeriram, ainda, a supressão do termo “isso” na frase “Mesmo se as coisas não forem bem, isso não é uma catástrofe”, do item 25. Para o item 29, defenderam que não haveria diferença entre manter o “partir” ou substituir o termo por “ir embora”, apesar de concordarem que “ir embora” é mais utilizado por pessoas com menor nível de escolaridade.

No item 30, apesar de não haver nenhum caso de desconhecimento do correto significado da palavra “cautela”, surgiram como opções “cuidados”, “prudência” e “prevenção”. O item 28 foi citado como uma possível fonte de problemas, uma vez que, segundo eles, poderia deixar aberta a possibilidade de confusão quanto a que período no tempo a formulação se refere.

Acrescentamos, ainda, que em todos os grupos de aplicação experimental foi manifesto o estranhamento pelo fato de a versão da escala utilizada ser direcionada apenas para o gênero masculino. Como sugestões, foi indicada a possibilidade de utilização do termo “homens/mulheres”, em que consta apenas “mulheres”, ou mesmo o termo “sexo oposto”.

Uma vez concluída essa etapa, foram registrados todos os itens que apresentaram problemas ou pontos de dificuldades, assim como as sugestões realizadas pelos diversos grupos de voluntários que participaram da aplicação experimental. Com esses dados, foram realizados os ajustes necessários na primeira versão da SISST em português brasileiro.

Os itens 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26 e 27 permaneceram semelhantes ao que foi proposto na primeira versão sintética do instrumento. Os itens 2, 9, 10, 11, 22, 25, 28, 29 e 30 sofreram alterações, buscando-se um melhor ajuste deles à população-alvo.

No item 2, foram acatadas as sugestões fornecidas na aplicação experimental, entendendo-se que no português brasileiro coloquial o uso de “normalmente” é mais presente do que “habitualmente”. Essa modificação torna a escala mais próxima da realidade cotidiana dos respondentes, sem afetar sua validade. Motivo semelhante justificou a substituição do termo “em lugar de” para “ao invés de” no item 10 e a troca de “partir” por “ir embora” no item 29.

Para resolver a questão do item 9, foi substituído o trecho “iniciando as coisas” por “tomando a iniciativa”, desse modo mantendo-se o sentido original da frase na língua-fonte e evitando confusões quanto ao seu entendimento na língua-alvo.

O vocábulo “fadadas”, item 11, foi apontado como desconhecido por participantes com nível de escolaridade de nível fundamental e médio, além de ser responsável por omissões no preenchimento do instrumento. Foi adotada como solução para a questão a troca dele por “destinadas”, conforme sugerido pelos voluntários que conheciam o significado do termo.

Para o item 22, apesar de o termo “inibido” ser bastante específico, a dificuldade de entendimento dele em alguns extratos da população poderia prejudicar o correto preenchimento do instrumento; desse modo, optou-se por alterá-lo para um sinônimo que fosse familiar à população respondente. Nesse caso, adotou-se a sugestão da substituição por “tímido”, termo semelhante e bem conhecido pela população-alvo em geral.

O item 28 mostrou-se um problema em virtude, principalmente, do tempo verbal utilizado. Apesar de correta linguisticamente, a frase gerou confusão entre os respondentes. Desse modo, optou-se pela adaptação da frase de “Talvez nos demos muito bem” para “Talvez tenhamos a nos dar muito bem”. Incluindo o verbo “vir”, colocado, então, no presente do subjuntivo, consegue-se que o enunciado

permaneça correto e com o mesmo sentido, porém apresentando-se de modo mais claro aos respondentes.

A frase inicialmente formulada como “Ah! Jogue fora a cautela”, no item 30, também apresentou problemas e gerou omissões, sendo necessária sua reformulação. A palavra “cautela”, desconhecida de alguns participantes, foi modificada para o sinônimo “prudência”.

A escala foi ainda ajustada para poder atender aos dois gêneros. Nesse ponto, adotou-se sistema semelhante ao utilizado na versão francesa do instrumento²³, em que é utilizada a expressão “do sexo oposto” quando possível e acrescentando a opção de gênero masculino onde antes constava apenas feminino.

Após as modificações, o instrumento foi reaplicado a um grupo de cinco voluntários com nível de escolaridade fundamental, para verificar se ainda persistiam problemas. Todos referenciaram bom entendimento dos itens e não surgiram novas dúvidas. Temos então os 30 itens, em sua versão final, que formam a versão do SISST para o português brasileiro.

Discussão

Instrumentos estruturados para a área de psiquiatria e saúde mental, com boas propriedades psicométricas, são de grande importância para o trabalho tanto do clínico quanto do pesquisador que atua nesse campo.

A opção de realização do trabalho de tradução e adaptação semântica do SISST para o português brasileiro com quatro tradutores, gerando duas traduções e duas retrotraduções, possibilitou a ampla discussão quando notada divergência entre as propostas fornecidas, possibilitando, assim, a correta adequação dos enunciados ao proposto originalmente.

Tradutores e juízes familiarizados com o campo de saúde mental colaboraram na adaptação semântica, pois seus conhecimentos referentes ao construto avaliado permitiram a realização de ajustes finos nos termos escolhidos para representar os itens originais.

O ajuste final da versão sintética foi realizado a partir dos dados colhidos na aplicação experimental, considerando que o instrumento adaptado deveria se apresentar inteligível para aqueles que possuem nível de escolaridade fundamental, sem, no entanto, comprometer o interesse daqueles com mais anos de escolaridade.

Com base nos dados obtidos da aplicação experimental, foram realizados os últimos ajustes no instrumento, que foi novamente testado experimentalmente. Formou-se, assim, a versão final do SISST para o português brasileiro. Estudos posteriores deverão ser realizados para avaliação de validade, fidedignidade e estabelecimento de normas para a população-alvo.

Agradecimentos

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

1. Organização Mundial da Saúde. Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.
2. Versiani M. Princípios gerais básicos das escalas de avaliação. In: Centro de Pesquisa em Psicobiologia Clínica, editor. Escalas de avaliação para monitorização de tratamentos com psicofármacos. São Paulo: Associação Fundo de Incentivo à Psicofarmacologia; 1989.
3. Del Prette ZAP, Del Prette A. Inventário de Habilidades Sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
4. Hultz CS, Nunes CHSS. Escala Fatorial de Socialização. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007.
5. Berger W, Mendlowicz MV, Souza WF, Figueira I. Equivalência semântica da versão em português da Post-Traumatic Stress Disorder Checklist-Civilian Version (PCL-C) para rastreamento do transtorno de estresse pós-traumático. Rev Psiqiatr Rio Gd Sul. 2004;26:167-5.

6. Scagliusi FB, Cordás TA, Polacow VO, Coelho D, Alvarenga M, Philippi ST, et al. Tradução da escala de desejo de aceitação social de Marlowe & Crowne para a língua portuguesa. *Rev Psiq Clín.* 2004;31:272-8.
7. Picon P, Gauer GJC, Fachel JMG, Manfro GG. Desenvolvimento da versão em português do Social Phobia and Anxiety Inventory (SPAI). *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul.* 2005;27:40-50.
8. Vilete L, Figueira I, Coutinho E. Adaptação transcultural para o português do Social Phobia Inventory (SPIN) para utilização entre estudantes adolescentes. *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul.* 2006;28:40-8.
9. Spielberger CD. Manual do Inventário de Expressão da Ansiedade como Estado e Traço (STAXI). Adaptação de Ângela M. B. Biaggio. 2. ed., ver. ampl. São Paulo: Vetor; 2003.
10. Gauer GJ, Picon P, Vasconcellos SJ, Turner SM, Beidel DC. Validation of the social phobia and anxiety inventory for children (SPAI-C) in a sample of Brazilian children. *Braz J Med Biol Res.* 2005;38:795-800.
11. Osorio FL, Crippa JA, Loureiro SR. A study of the discriminative validity of a screening tool (MINI-SPIN) for social anxiety disorder applied to Brazilian university students. *Eur Psychiatry.* 2007;22:239-43.
12. Diemen LV, Szobot CM, Kessler F, Pechansky F. Adaptation and construct validation of the Barratt Impulsiveness Scale (BIS 11) to Brazilian Portuguese for use in adolescents. *Rev Bras Psiquiatr.* 2007;29(2):153-6.
13. Levitan MN, Nascimento I, Freire RC, Mezzalma MA, Nardi AE. Equivalência semântica da versão brasileira da Social Avoidance and Distress Scale (SADS). *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul.* 2008;30:49-58.
14. Silva ACO, Nardi AE. Tradução e adaptação transcultural da Versão Brasileira da Fear of Negative Evaluation Scale (FNE). *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul.* 2009;31(3):159-69.
15. Sardinha A, Nardi AE, Eifert GH. Tradução e adaptação transcultural da versão brasileira do Questionário de Ansiedade Cardíaca. *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul.* 2008;30:1-10.
16. Sardinha A, Levitan MN, Lopes FL, Perna G, Esquivel G, Griez EJ, et al. Tradução e adaptação transcultural do questionário de atividade física habitual. *Rev Psiq Clín.* 2010;37(1):16-22.
17. Lima LA, Gonçalves S, Lovisi G, Pereira BB. Validação transcultural da Escala de Avaliação de Limitações do Comportamento Social – SBS-BR. *Rev Psiq Clín.* 2003;30:126-38.
18. Glass CR, Merluzzi TV, Biever JL, Larsen KH. Cognitive assessment of social anxiety: development and validation of a self-statement questionnaire. *Cognit Ther Res.* 1982;6:37-55.
19. Herdman M, Fox-Rushby J, Badia X. A model of equivalence in the cultural adaptation of HRQoL instruments: the universalist approach. *Qual Life Res.* 1998;7:323-35.
20. Pasquali L. *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação.* Petrópolis: Vozes; 2003.
21. Osório FL, Crippa JAS, Loureiro SR. Instrumentos de avaliação do transtorno de ansiedade social. *Rev Psiq Clín.* 2005;32:73-83.
22. Sheehan DV, Lecrubier Y, Sheehan KH, Amorim P, Janavs J, Weiller E, et al. The Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI): the development and validation of a structured diagnostic psychiatric interview for DSM-IV and ICD-10. *J Clin Psychiatry.* 1998;59(Suppl 20):22-33.
23. Yao SN, Cottreau J, Mollard E, Albuisson E, Note I, Jalencques I, et al. The French version of the Social Interaction Self-Statement Test (SISST): a validation and sensitivity study in social phobics. *Behav Cogn Psychother.* 1998;26:247-59.